

Sobre tornar-se professora

DRA. ÚRSULA BUENO DO PRADO GUIRRO

Primero vestibular para Medicina e lá estava meu nome; passei na universidade pública. Eu era caloura do tão sonhado curso! Mudei de cidade, aprendi a viver em república estudantil e com orçamento contado.

O desejo de ser cirurgiã sucumbiu nas primeiras aulas de anatomia, pois tive certeza de que jamais compreenderia tantas relações anatômicas e, definitivamente, eu preferia as relações humanas.

Fui apresentada a muitas matérias ao mesmo tempo, relatórios e provas. Semestres atrás de semestres e a complexidade só aumentava.

O encantamento inicial do curso de Medicina deu lugar a uma inquietação sem nome. Uma angústia misturada com insatisfação; um sofrimento que resultou em desencanto. Sempre li e estudei muito, portanto, desempenho acadêmico não era o problema. O que eu queria era o brilho nos olhos, aprender de um jeito diferente do que me ensinavam, mas não sabia o quê, nem como.

Compreendi que não bastava estudar; precisava urgentemente alimentar aquela inquietação, senão ela me devoraria.

Fiz o caminho que acadêmicos de Medicina fazem: busquei estágios supervisionados por outros médicos. Aprendi muito nestes plantões. Entretanto, ainda faltava algo na alma para encantar novamente. Onde estava aquele brilho nos olhos?

Apareceu uma seleção para iniciação científica com um mestre da Psiquiatria, o Prof. Dr. Mário Sérgio Ribeiro. Alguns falavam que ele era uma pessoa difícil. Por que não tentar e ver no que isso levaria?

Não passei na primeira seleção, mas em seis meses fui chamada para conversar. Outros candidatos desistiram. “Ele exige muito”, disseram.

O nosso primeiro contato foi ótimo e de pessoa difícil não vi nada: o professor foi claro com o que deveria ser desenvolvido e as metas a serem atingidas em poucos meses. Eu, que adoro um planejamento, amei.

Ele disse: “Você tem uma pilha de prontuários dos últimos dois anos para digitar e conferir o banco de dados dos últimos dez anos. Quer?”

“Sim, quero”, respondi. Claro que uma bolsa de estudos do CNPq ajudou a querer ainda mais a oportunidade.

Aprendi que em pesquisa há muito – mas muito mesmo – trabalho a ser feito: planejar, liberações éticas, compreender metodologia de pesquisa, coleta e digitação de dados, conferir minuciosamente banco de dados, fazer busca bibliográfica em bases de dados, ler artigos científicos criticamente, correlacionar os achados, testes estatísticos, escrita científica, pensar, refletir, revisar, questionar... Um artigo publicado é só consequência de muito trabalho.

A inquietação ruim que me corroía foi se transformando em algo bom. Em poucos meses, trabalhar com pesquisa e com aquele professor me fizeram gostar de Medicina novamente. Estava aí o brilho nos olhos!

Preciso contar uma dica valiosa que aprendi com o professor: salvar arquivos em dois disquetes sempre. Hoje seria o *pen drive*, nuvem e *e-mail*. Salvar arquivos nunca é demais. Nossos traços obsessivos-compulsivos se transformaram em piada digna de gargalhadas. Pode parecer brincadeira, mas você nunca irá se arrepender de ter feito *backup*, exceto quando não o fizer e perder arquivos.

Poucos meses depois de me tornar orientanda, apresentei uma pesquisa em congresso pela primeira vez. Subi no palco com a mão gelada e falei. Alguém da plateia fez pergunta e, confesso, de tão ansiosa não entendi nem a pergun-

A INQUIETAÇÃO RUIM QUE ME CORROÍA FOI SE TRANSFORMANDO EM ALGO BOM. TRABALHAR COM PESQUISA E COM AQUELE PROFESSOR ME FIZERAM GOSTAR DE MEDICINA NOVAMENTE. ESTAVA AÍ O BRILHO NOS OLHOS!

ta e seria incapaz de responder. O professor Mário Sérgio me salvou do vexame! A partir daí foram várias apresentações de pesquisa e perdi o medo do palco e das perguntas.

Escrevi manuscritos científicos e fui corrigida exaustivamente até aprender a fazer melhor. Nada como a experiência do professor e o meu tempo para aprender. Recebemos os primeiros aceites para a publicação de artigos científicos. Que orgulho ser autora pela primeira vez!

Ao longo dos anos de iniciação científica com o professor Mário Sérgio, encontrei um local para mim na Medicina: queria ser professora, pesquisadora, queria ser aquela humana que ajuda outros seres humanos a aprender. Compreendi também a humildade; que eu precisaria ganhar anos experiência como médica e ter outras formações como residência médica, mestrado, doutorado, pós-doutorado, pós-graduações e experimentar a vida...

Foram anos para chegar até aqui e me tornar médica, professora e orientadora. Não escolhi a especialidade do meu professor e jamais houve essa pressão. Talvez eu fosse feliz na Psiquiatria, mas minha história levou à Anestesiologia, Medicina Paliativa e Bioética. Ambos nutrimos amor pela Filosofia. Ele, como um bom professor, ensinou que eu deveria crescer e estimulou a dar meus próprios voos.

A relação professor-estudante se transformou em

amizade que dura mais de 20 anos e 900 km de distância. O Mário Sérgio se tornou amigo da minha família e eu, da dele. As reuniões de orientação se transformaram em jantares com conversas agradáveis sobre filosofia, viagens e a vida.

O nosso último encontro marcante foi na minha apresentação do pós-doutorado em 2020. O professor sabia que tinha um tanto do que aprendi com ele ali, melhorada e amadurecida. Claro que houve acréscimos de outros mestres incríveis que a vida me proporcionou, como os Professores-Doutores Elizabeth Milla Tambara, Carla Corradi Perini e José Eduardo de Siqueira.

Aprendi – e ainda aprendo – a ser professora com os meus professores. Também aprendo com os estudantes. Acredito que a docência é isto: aprender para ensinar e ensinar para aprender. Ou seja, a ensinagem, essa parceria deliberada entre estudante e professor para a construção dos conhecimentos e que deixa marcas para toda a vida.

Agradeço aos meus professores, professoras e estudantes. Eu seria outra Úrsula se não tivesse o privilégio de conviver e aprender com eles. Obrigada por me devolverem o brilho nos olhos e o encanto pela Medicina. Que eu possa proporcionar o que desejei aos estudantes que hoje convivem comigo. 

